

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Augusto Massi

Júlio Castañon Guimarães

Murilo Marcondes de Moura

**Murilo  
Mendes**

**Poliedro**

**Roma 1965/66**

---

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1972 by herdeiros de Murilo Mendes

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

CAPA E PROJETO GRÁFICO DO MIOLO

Celso Longo, Manu Vasconcelos (assistente)

CRONOLOGIA

Érico Melo

PREPARAÇÃO

Silvia Massimini Felix

REVISÃO

Fernando Nuno

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Mendes, Murilo, 1901-1975.

Poliedro : Roma 1965/66 / Murilo Mendes ; posfácio Júlio Castañon Guimarães. — 1ª. ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

ISBN: 978-85-359-2947-8

1. Prosa brasileira I. Guimarães, Júlio Castañon. II. Título.

17-06583

CDD-869.8

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Prosa : Literatura brasileira 869.8

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

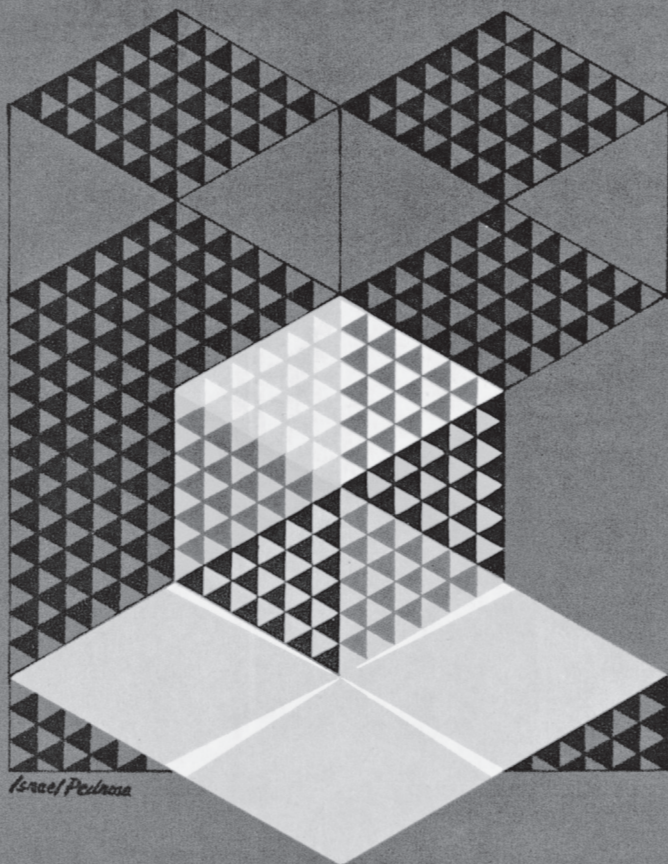
[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

# POLIEDRO

Murilo Mendes



*Isaac Pedrosa*

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

Capa da primeira edição de *Poliedro*, lançada em 1972.

9	Microdefinição do autor	60	O lençol
		62	A gravata
		64	A mesa
17	<b>Setor</b>	65	Ossos de borboleta
	<b>Microzoo</b>	66	Frutas da infância e Post
		68	Palmeiras
19	O galo	69	A magnólia
21	A tartaruga	71	A laranja
22	O tigre	72	A melancia
24	O cavalo	73	O tomate
27	A baleia	75	O pão e o vinho
29	A girafa	76	A luva
32	O boi	77	A caixinha de música
34	O pavão	79	A caneta
36	O porquinho-da-índia	81	O fósforo
37	O peixe	82	A lata de lixo
39	A aranha	84	O telefone
42	O percevejo	85	O queijo
44	A preguiça	87	A vassoura
47	A zebra	88	A tesoura
49	A lagosta		
		89	<b>Setor</b>
51	<b>Setor</b>		<b>A palavra circular</b>
	<b>Microlições de coisas</b>		
		91	O menino experimental
53	O ovo	94	Santa Filomena
54	O serrote	96	A Górgone
55	Estilhaços	97	O temporal
56	A pérola	99	As lanças
57	O telegrama	100	O Museu da Armería
59	O copo		(Madrid)

101	Segunda-feira santa	169	Cronologia
102	Clínica de nervosos		
104	Os índios	193	Fontes
106	Colagens		
107	A liberdade	194	Sobre esta edição
108	Pontos de interrogação		
109	Luigi B...	195	Posfácio
111	O trovão		<i>Júlio Castañon</i>
112	Dores do Indaiá		<i>Guimarães</i>
114	O Uruguai		
115	Marilyn	221	O “texto délfico”
116	O Rubicão		de Murilo Mendes
118	Ieti		<i>José Guilherme Merquior</i>
119	O fim de Paris, ou La Baguette	233	Poliedro
120	Chaves do tempo		<i>Affonso Romano</i>
121	Algólida		<i>de Sant’Anna</i>
122	Giovanna T...		
124	Diálogo de surdos	237	Referências
125	O ladrão católico		bibliográficas
126	O recém-nascido		
127	O golpe da manhã	239	Créditos das imagens
129	As núpcias falhas		
130	Ishamaro		
132	Terenzio Mamiani della Rovere		
134	Carta aos chineses		

139 **Setor**  
**Texto délfico**

## Microdefinição do autor

(A)

*Sinto-me compelido ao trabalho literário:*

*pelo desejo de suprir lacunas da vida real; pela minha teimosia em rejeitar as avances da morte (tolice: como se ela usasse o verbo adiar); pela falta de tempo e de ideogramas chineses; pela minha aversão à tirania — manifesta ou súbdola —, à guerra, maior ou menor; pelo meu congênito amor à liberdade, que se exprime justamente no trabalho literário; pelo meu não reconhecimento da fronteira realidade-irrealidade; pelo meu dom de assimilar e fundir elementos díspares; pela certeza de que jamais serei guerrilheiro urbano, muito menos rural, embora gostasse de derrubar uns dez ou quinze governos dos quais omitirei os nomes: receio que outros governos excluídos da minha lista negra julguem que os admiro, coisa absurda; porque sou traumatizado pela precipitação diária dos fatos internacionais; por ter visto Nijinski dançar; pelo meu apoio ao ecumenismo, e não somente o religioso; por manejar uma caneta que, desacompanhando minha ideia, não consegue viajar à velocidade de 1000 quilômetros horários; pelo meu ódio físico-cerebral ao fascismo, ao nazismo e suas ramificações; pela tendência a preferir Aliocha a Ivan e Dmitri Karamázov; porque dentro de mim discutem um mineiro, um grego, um hebreu, um indiano, um cristão péssimo, relaxado, um socialista amador; porque não separo Apolo de Dionísio; por haver começado no início da adolescência a leitura de Cesário Verde, Racine, Baudelaire; por julgar os textos tão importantes como os testículos; por sofrer diante da enorme confusão do mundo atual, que torna Kafka um satélite da Condessa de Ségur; pela minha tristeza em não poder conversar esquimaus e mongóis; pela notícia de que Deus, diante da burrice e*

*crueldade soltas, demitiu-se do cargo de administrador dos negócios do homem; pelo charme operante das cabeleiras e das pernilongas, das sexy a jato e das menos sexy a tálburi; pela fúria galopante dos quadros e colagens de Max Ernst; pela decisão de Casimir Malevich, ao pintar um quadrado branco em campo branco; pela vizinhança através dos séculos, malgrado as sucessivas técnicas e rupturas estilísticas, de Schönberg e Palestrina; pelo meu amor platônico às matemáticas; pelo dançado destino e as incríveis distrações de Saudade; pelo meu não vertical às propostas de determinados apoetas e impoetas no sentido de liquidação da poesia; pelas minhas remotas e atuais viagens ao cinematógrafo, palavra do tempo da infância; porque temo o dilúvio de excrementos, a bomba atômica, a desagregação das galáxias, a explosão da vesícula divina, o julgamento universal; porque através do lirismo propendo à geometria.*

## **(B)**

*Pertenço à categoria não muito numerosa dos que se interessam igualmente pelo finito e pelo infinito. Atraem-me a variedade das coisas, a migração das ideias, o giro das imagens, a pluralidade de sentido de qualquer fato, a diversidade dos caracteres e temperamentos, as dissonâncias da história. Sou contemporâneo e partícipe dos tempos rudimentares da matéria — desde 900 bilhões de anos? —, do dilúvio, do primeiro monólogo e do primeiro diálogo do homem, do meu nascimento, das minhas sucessivas heresias, da minha morte e mínima ressurreição em Deus ou na faixa da natureza, sob uma qualquer forma; do último acontecimento mundial ou do acontecimento anônimo da minha rua. Na gruta de Altamira disse: eu estava aqui na época em que gravaram estes bichos. As portas da percepção abriram-se no momento-luz inicial dos tempos; talvez nunca se fechem. O minúsculo animal que sou acha-se inserido no corpo do enorme Animal que é o universo. Excitante, a minha fraqueza: alimenta-se dum foco de energia em contínua expansão.*



### (C)

*De substrato pagão; covarde; oscilante; incapaz de habitar o faminto, o leproso, o pária; aterrorizado ante a cruz trilingue — máximo objeto realista — oclusa ao olho dos doutores, travestida pela montagem teatral de Roma barroca-poliédrica; obsedado pelo Alfa e o Ômega; bêbado de literatura, religião, artes, música, mitos; imbêbado de política, economia, tecnologia; expulso dos teoremas; tachado de analfabeto pelo físico nuclear e pela história, dama agitadíssima; consciente da força agressiva do mundo moderno, da espantosa ambiguidade da natureza humana, indecisa entre adorar a matéria ou destruí-la; dinâmico na inércia, inerte no dinamismo sou.*

### (D)

*Manipulo sempre, além do verbo comprar, o verbo perder; dialogo com a minha própria negação; temo alternativamente a cadeira elétrica e os fogos de bengala; atico o conflito entre inspiração e estrutura; vejo-me empurrado pelo motor das musas (terrestres) inquietantes; hóspede dos enigmas; protegido pelo sense of humour, meu anjo da guarda; espero em vão o escafandrista ou o cosmonauta hors-série capazes de manifestar os tesouros ocultos da poesia, máquina construtora-destruidora; sei que Don Giovanni e o convidado de pedra se completam; observo a novidade das coisas debaixo do sol.*

### (E)

*Tenho raiva de Aristóteles, ando à roda de Platão. Sou reconhecido a Jó, aos quatro evangelistas, a São Paulo, a Heráclito de Éfeso, Lao Tseu, Dante, Petrarca, Shakespeare, Cervantes, Montaigne, Camões, Pascal, Quevedo, Lichtenberg, Chamfort, Voltaire, Novalis,*

*Leopardi, Stendhal, Dostoiévski, Baudelaire, Mallarmé, Rimbaud, Lautréamont, Nietzsche, Ramakrishna, Proust, Kafka, Klebnikov, André Breton;*

*a Ismael Nery, Machado de Assis, Mário de Andrade, Raul Bopp, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Guimarães Rosa, Drummond, João Cabral de Melo Neto;*

*a Monteverdi, Bach, Mozart, Beethoven, Stravinski, Anton Webern, aos inventores do jazz;*

*aos “primitivos” catalães, a Paolo Uccello, Piero della Francesca, Vittore Carpaccio, Breughel, Van Eyck, El Greco, Rembrandt, Vermeer de Delft, Goya, Mondrian, Picasso, Paul Klee, Max Ernst, Arp;*

*a Chaplin, Buster Keaton, Eisenstein;*

*convicto de que acima das igrejas, dos partidos, das fronteiras, todos os homens conscientes, em particular os escritores, devem unir-se contra a guerra, a massificação e a bomba atômica.*

*Roma, 14-2-1970.*

# Poliedro

OS QUATRO SETORES DE *POLIEDRO*:

**1. Microzoo**

**2. Microlições de coisas**

**3. A palavra circular**

**4. Texto délfico**

# **SETOR MICROZOO**

*A José Geraldo Vieira*

## O galo

Quando eu era menino, acordando cedo de madrugada, ouvia o galo cantar longíssimo, o canto forte diluía-se na distância, talvez viesse das abas redondas de Chapéu d’Uvas, ou das praias que eu imaginava no Mar de Espanha, sei lá, no cornimboque do diabo. Nesse tempo não existiam galos no nosso terreiro.



Até que um dia lá chegou um galo soberbo, fastoso, corpo real, portador de plumagem azul-verde-vermelha. Seu canto era agressivo: napoleônico. Os galos da distância cederam o passo a este outro próximo, tocável, fichável. Aproximei-me muitas vezes do galo, testando-o; ele baixava a cabeça para examinar-me, conferenciava com as galinhas-d’angola, bicando qualquer grão ou cisco; depois voltava a mim, levantando já agora a cabeça para marcar sua superioridade, talvez de tribuno, barítono, boxeador; desafiando-me a quê com a crista? O galo me atraía e repelia; eu receava que me bicasse, ou que me disparasse um jato de dejeções. Embora admirando-os, nunca me senti muito à vontade com os bichos; mesmo algumas plantas ou certos frutos, por exemplo a begônia e o maracujá causavam-me receio. Desde o começo a natureza pareceu-me hostil.



Um dia abeirei-me do galinheiro manejando um bilboquê diante do galo; quis mostrar-lhe que o dominava, que ele seria incapaz de jogar bilboquê, jogo da moda. O galo farejou o objeto; julgando-o certamente esotérico sacudiu a plumagem, empinou

a crista, abanou a cabeça rindo, um riso voltairiano, adstringente. Polígamo que era, atacou à minha vista, alternativamente, duas galinhas carijó, cobrindo-as, contundente, claro que para me fazer despeito. Atirei o bilboquê ao chão, arma inútil, vencida.



Declarou-se o estado de guerra fria entre as duas potências. Eu não perdoava ao galo que seu canto eclipsasse o outro, longínquo, dos galos de talvez Chapéu d’Uvas ou Mar de Espanha. Minha ojeriza aumentou ao recordar-me que o galo denunciara São Pedro na noite da entrega de Jesus Cristo à polícia. Tratava-se portanto de um espoleta, raça de gente que sempre odiei. Chegando a situação ao clímax, decidi atuar. Uma tarde penetrei precipite no galinheiro, marchando para o adversário; fora de mim, transtornado, ignorante de que o galo era um dos bichos consagrados a Apolo, sem rodeios nem consideração pela sua caleidoscópica plumagem, a raiva aumentando-me a força, estrangulei-o, pisando-lhe ainda as esporas. Satisfeito, reconciliado comigo mesmo, senti num relâmpago o prazer concreto de existir; vi-me justificado.



Nessa noite tornei a ouvir o canto remansoso dos galos distantes de Chapéu d’Uvas ou Mar de Espanha, preanunciador, por exemplo, da mozartiana *Serenata* em ré maior K. 320, especialmente na parte em que soa a trompa do postilhão. Era óbvio que aqueles galos pertenciam a outra raça, não à do quinta-coluna que denunciara São Pedro na noite da entrega de Jesus Cristo.

## A tartaruga

A tartaruga vera e própria quase não existe: existe sua carapaça. É com esta que, segundo os antigos chineses, a tartaruga sustenta o céu. Além de ser cariátide do céu, é autocariátide.

A tartaruga, vivendo séculos, consegue, *furba*, dar a volta ao mundo, *piano piano*. Trata-se do animal antimoderno por excelência: hostil ao movimento. Por isso eu não deveria admirar a tartaruga. Considero entretanto que ela, carregando a casa às costas, antecipa-se ao *camping*. Neste ponto a tartaruga é um animal moderníssimo.



O problema da circulação nas grandes cidades determinando, como tudo indica, o regresso aos veículos de tração animal, poderá ser resolvido em parte com a ajuda da tartaruga. De resto, no século XIX, conforme nos revela Walter Benjamin, muitos parisienses, entre os quais provavelmente Baudelaire, tinham o hábito de flunar em certas ruas e passagens da cidade arrastando uma tartaruga pelo cordel.

Se todos nós agíssemos como a tartaruga não sobraria tempo para o fabrico e circulação da Bomba. Com a vantagem de se chegar mais tarde ao cemitério, absurda meta.



*Même la tortue se croit sans doute parfois composée uniquement d'étincelles. Qui dit qu'elle a tort?* (Henri Michaux).<sup>1</sup>

1. Um dos poetas mais importantes da França atual; entre outros livros, *La Nuit remue*, *Un certain Plume*, *Un Barbare en Asie*. [Todas as notas de rodapé são do autor.]



## O tigre

O tigre, segundo Valéry, é um fato grandioso, uma vera instituição, um poder organizadíssimo, uma espécie de razão de estado, de monarquia totalitária; o animal absoluto. Por estes e outros motivos afins já se vê que *le tigre ce n'est pas moi*.



O tigre, mamífero (sic) da família real dos Felídeos, calcula seus atos com rigor extremo; não se passa a limpo, não se desdiz, nem se corrige. O tigre é autocronometrado. Mesmo quando opera durante a noite opera diurno.



William Blake maravilha-se com razão, perguntando-se que olho imortal ousou a terrível simetria do tigre; e se o tigre poderia agradecer ao próprio Deus que criou o Cordeiro.



O tigre devorará tua metáfora antes do seu acabamento. O tigre não espera o homem. Os deuses esperam o tigre.



O tigre, compasso em forma de tigre.



Não há tigre vice: o leão é vice-tigre.

•

O tigre: tão bem organizado que até os tigres de papel fazem-se temer.

•

Agredirei a majestade desse animal definitivo, aludindo à tigricidade da dupla Stalinhitler?

•

O tigre, esse cosmotigre.

•

O tigre é belo. Inadiável. Sibilino. Calmo. Intransferível.

A tigresa eternidade avança para mim sob a forma de uma tesoura: Átropos.

## O cavalo

Quando eu era menino queria absolutamente ir do Brasil à China a cavalo. Só não realizei esta maravilhosa aventura porque meus pais mo proibiram.

O cavalo me atraía pela nobreza da sua forma. Considerava seu pescoço: mais belo que o do cisne; a majestade, a elegância das suas linhas verticais e horizontais.

Havia o cavalo consular e imperial; mas ainda o parente pobre, o ruço, o anônimo, todos eles me seduziam.

Nunca vira um cavalo deitado. Pelo que passei a imaginar que os cavalos corriam noite e dia sem parar; sempre em pé.



Dona Josefina do Pompéu, centauresa mineira do século XIX, não largava o seu cavalo.

Os criados da fazenda respondiam aos visitantes: “Dona Josefina está no cavalo”, ou “Dona Josefina no momento não está no cavalo”. Creio mesmo que ela não saía do cavalo. Corria terras sem-fim do Oeste de Minas, litigando com todos os fazendeiros limítrofes das suas.

Diziam que D. Josefina só voltava a casa para saber se não teria aparecido por lá algum cavalo espião, heterodoxo.

A mitra do bispo e a espada do major tornaram-se para ela figuras de retórica. Real, só mesmo o cavalo.



Os cavalos do Pártenon, de Rubens, de Delacroix e do primeiro De Chirico não se emendam!



Existem também os cavalos de carrossel. São vice-cavalos, naturalmente. Mas hoje dispõem dum prestígio maior que o dos vice-reis: pois muito apreciados pelas crianças que os usufruem, dominando-os, exercendo o poder da autoridade, fonte de tantos prazeres e desgraças.

Conheci há muitos anos um cavalo de carrossel na casa de Ghelderode,<sup>2</sup> em Bruxelas. Parece que remontava ao tempo de Luís XIV. Soprei-lhe ao ouvido cortesias palavras; com isto assegurei-me, desde minha primeira visita, a amizade do dramaturgo, que o adorava, fazendo-o servir de teste aos visitantes: ai daquele que não descobrisse e não conversasse tão querido cavalo. Seria tachado de antipoeta, nazista, comerciante, *nouveau riche*, o diabo.



Quanto a mim, participante também, no físico, da raça cavalina, nunca tive ocasião de me ser apresentado. E nunca fui apresentado ao cavalo-vapor.



2. Michel de Ghelderode: ilustre dramaturgo belga contemporâneo. Peças principais: *Hop Signor!*, *Mademoiselle Jaire*, *Fastes d'enfer*, *Escorial*.

Antigamente (sic; houve antigamente) joguei nos cavalos do Jóquei, perdi. Embora cavalino, nunca joguei em mim mesmo. E sempre tirei o cavalo da chuva.